



UMA NOVA PERSPECTIVA DE SATISFAÇÃO DA MULHER ATUAL: O DESINTERESSE PELA MATERNIDADE SOB O OLHAR DAS MULHERES DE TERESINA (1995-2018)

Thayná Guedes Assunção Martins¹
Joseanne Zingleara Soares Marinho²
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

1 INTRODUÇÃO

A maternidade como condição específica de mulheres que se tornam mães tem passado nas últimas décadas, de forma cada vez mais intensa, por diversas transformações em seu ideário, pois diferentes movimentos sociais entre esses, o feminismo, tem contribuído para a relativa superação da necessidade de ser mãe, para se sentirem completas e aceitas em meio a sociedade. Partindo da concepção de que as mulheres deveriam permanecer em seus lares, procriando e cuidando dos filhos, bem como do marido, as personagens femininas que lutavam contra esse ideal eram marginalizadas por uma sociedade construída a partir das bases do conservadorismo masculino.

¹ Graduação em andamento em História, na Universidade Estadual do Piauí, UESPI.

² Doutora em História, Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Especialista em História Sociocultural pela Universidade Federal do Piauí - UFPI e Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Exerce a função de Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Departamento de História, Campus Poeta Torquato Neto, em Teresina.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Desse modo, esta pesquisa criada a partir de um Projeto de Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, parte da seguinte problemática: Como as mulheres entre 40 e 50 anos definem/pensam a questão da não maternidade? A partir do objetivo de apresentar os principais aspectos que permitiram que algumas mulheres na cidade de Teresina entre 40 e 50 anos não desejassem a maternidade, a análise é conduzida a partir de argumentos sobre a ampliação do processo de escolarização para as mulheres no Brasil, e conseqüentemente, sua inserção no mercado de trabalho, fatores que contribuíram para que tais personagens construíssem uma nova consciência em torno do que seria sua satisfação pessoal e profissional.

Para auxiliar na análise, foram utilizados os trabalhos bibliográficos de autores e autoras como Vázquez (2017), Gil (2002) e Minayo (2007). Os dados sobre o mercado de trabalho e a educação feminina a partir de uma observação no trabalho de Andrade (2016) entrevistas e arquivos pessoais, serão utilizados como fontes primárias. A pesquisa está fundamentada na Nova História Cultural que, de acordo com Peter Burke (2008), possibilitou o surgimento de novos temas relacionados à História e sua interdisciplinaridade, tornando mais complexo o campo de análise dos historiadores e historiadoras.

Este estudo será construído tendo por base ainda a utilização da pesquisa documental junto com bibliográfica. Para Gil (2002), a diferença entre ambas está na pesquisa bibliográfica usar contribuições de diversos teóricos sobre determinado assunto e a pesquisa documental utilizar materiais que ainda não foram analisados. As fontes obtidas, bibliográficas e documentais, a partir das consultas no site do IBGE e nos arquivos pessoais, bem como por meio das entrevistas e de reportagens da Revista



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Crescer,³ serão analisadas e interpretadas de acordo com a bibliografia escolhida, do recorte temporal estabelecido e dos objetivos constituídos nesta pesquisa.

As fontes utilizadas trazem conhecimentos de como as transformações sociais, políticas e culturais influenciaram nos interesses das mulheres ao longo do século XX em não ter filhos e como a maternidade era compreendida pela sociedade da segunda metade do século XX. A pesquisa se encontra em andamento, mas pode ser percebida certa mudança na mentalidade das mulheres atuais em não pensar na maternidade como a única forma de satisfação pessoal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ideia de maternidade ao longo do tempo foi sendo modificada de acordo com as transformações culturais, sociais e tecnológicas vivenciada pela sociedade, onde a imposição para ser uma boa mãe tem enfrentado críticas especificamente de setores ligados ao feminismo que defendem que certas práticas impostas as mulheres devem ser questionadas e não aceitas de forma passiva. Atualmente, a maternidade deixou gradativamente de ser um fator decisivo de satisfação feminina, condição influenciada pela rápida escolarização das mulheres, permitindo a mudança na consciência e na participação no mercado de trabalho, evidenciando a construção de uma nova

³ Essa revista utilizada como fonte de análise e conhecimentos onde traz em sua conjuntura aspectos relevantes sobre filhos, gravidez, bebês, crianças, famílias, comportamento infantil, educação infantil, amamentação, aleitamento materno, parto, pré-natal e outros quesitos que envolvem o caráter da pesquisa. Então, partindo de tal análise, buscar-se compreender como uma revista da época, e que permanece em circulação nos dias atuais, tratou e trata a maternagem. Esta pesquisa é qualitativa ao envolver a interpretação de valores, aspirações e atitudes, fenômenos inerentes a sociedade contemporânea (MINAYO, 2007).



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V.2, N.1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

perspectiva de realização pessoal e profissional, pois agora a felicidade das mulheres não precisa estar intimamente relacionada à ideia de maternidade.

De acordo com Rago (1998) o gênero tornou-se instrumento valioso de análise que permite nomear e esclarecer aspectos da vida humana, evidenciando que a categoria do gênero não vem substituir nenhuma outra, mas atende a necessidade de ampliação de nosso vocabulário para darmos conta da multiplicidade das dimensões constitutivas das práticas individuais e sociais. Nisso, é importante os estudos sobre gênero para eliminar o pensamento construído e enraizado na sociedade em torno das mulheres como submissas aos homens e tendo que permanecer restrita a maternidade apenas.

Nisso, atualmente a ideia de maternidade como única forma de satisfação está sendo criticada e substituída por uma consciência feminina que defende a igualdade de direitos para as mulheres, perpassando pelo maior acesso a uma educação e inserção no mercado de trabalho. Assim, a pesquisa no portal do MEC forneceu informações sobre a presença das mulheres como crescente em todos os níveis de ensino no Brasil. Elas se consolidam como maioria a partir do ensino médio, dominam a graduação e detêm o maior número de bolsas de mestrado e doutorado, segundo o estudo Trajetória da Mulher na Educação Brasileira. (PORTAL-MEC, 2005). Essa pesquisa demonstra a evolução da participação das mulheres na educação brasileira da Educação Básica aos níveis mais elevados de escolarização, a saber, mestrados e doutorados. Em relação as mulheres no mercado de trabalhado tivemos a contribuição de (ANDRADE, p. 9, 2016):

Quanto a participação das mulheres no mercado de trabalho foi obtida informações através do censo demográfico do IBGE que afirmou Dados dos Censos Demográficos do IBGE apontam que, em 1950, apenas 13,6% das mulheres eram economicamente ativas. A partir de então, a participação das



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

mulheres na População Economicamente Ativa (PEA) vem crescendo significativamente e de forma constante. Os dados censitários demonstram a evolução da participação feminina no mercado de trabalho e a redução contínua da diferença entre homens e mulheres na PEA, no período entre 1950 e 2010. A participação masculina na PEA passou de 80,8% para 67,1%, ao passo que a participação feminina mais que triplicou, saltando de 13,6% para 49,9%”

A inserção da mulher no mercado de trabalho está crescendo consideravelmente, e em meio a esse crescente encontra-se o desejo cada vez mais tardio ou mesmo inexistente na maternidade por parte das mulheres, pois na perspectiva atual das mesmas é mais interessante a busca por sua independência econômica e social para, posteriormente, pensar em filhos, sendo estes encarados nesse novo contexto temporal como um relativo obstáculo à sua independência.

CONCLUSÃO

Apesar da pesquisa se encontrar em processo de construção, pode oferecer conhecimentos em relação as mudanças da consciência das mulheres sobre a ideia de maternidade, onde devido a sua inserção no mercado de trabalho e o acesso a uma educação superior, as mulheres passaram a não ter muito interesse em permanecerem restritas à maternidade. Logo, uma situação imposta às mulheres brasileiras vem sendo deixada de lado gradativamente, a saber, a necessidade de ter filhos para obterem sua satisfação pessoal.

As pesquisas bibliográficas e documentais possibilitaram compreender que a inserção no mercado de trabalho e educação superior para as mulheres, bem como o interesse pessoal de independência, foram e são fatores decisivos na sua vontade ou não pela maternidade, podendo ser também evidenciada como forma de resistência ao padrão estabelecido pela sociedade ao longo do tempo, aspecto que ainda permanece preponderante.



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V2, N1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

PALAVRAS-CHAVE: História. Mulheres. Maternidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tania. **Mulheres no Mercado de Trabalho: Onde nasce a Desigualdade.** Estudo Técnico, 2016

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Trajetória da Mulher na Educação Brasileira**, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.**25.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2°. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RAGO, Margareth. **Descobrimo o gênero.** Cadernos Pagu, 1998.